

*Carla Simões / Anna Bouza da Costa*

# A ORIGEM DO CINEMA



**CONTADA AOS SOBRINHOS**

A ORIGEM DO CINEMA contada aos sobrinhos

Autora: Carla Simões

Ilustrações: Anna Bouza da Costa

Revisão científica e complementos: José Manuel Costa

Coordenação da edição: Neva Cerantola

Seleção de material fotográfico: Teresa Borges

Consultoria de ilustração: Daniel Lima, Jorge Nesbitt

Grafismo e paginação: Nuno Neves

Consultoria gráfica: Nuno Rodrigues

Revisão do texto: Pedro Miguel Fernandes

Revisão pedagógica: Paula Santos Lobo

Cinemateca Júnior: Neva Cerantola, Carla Simões,  
Maria de Jesus Lopes, Miguel Amaro

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA, I.P.  
Rua Barata Salgueiro, 39, 1269-059 Lisboa | [www.cinemateca.pt](http://www.cinemateca.pt)

© Cinemateca Portuguesa- Museu do Cinema, I.P., 2021



CINEMATECA PORTUGUESA  
MUSEU DO CINEMA, I.P.

EDIÇÕES DA  
**CINEMATECA**





## A ORIGEM DO CINEMA contada aos sobrinhos

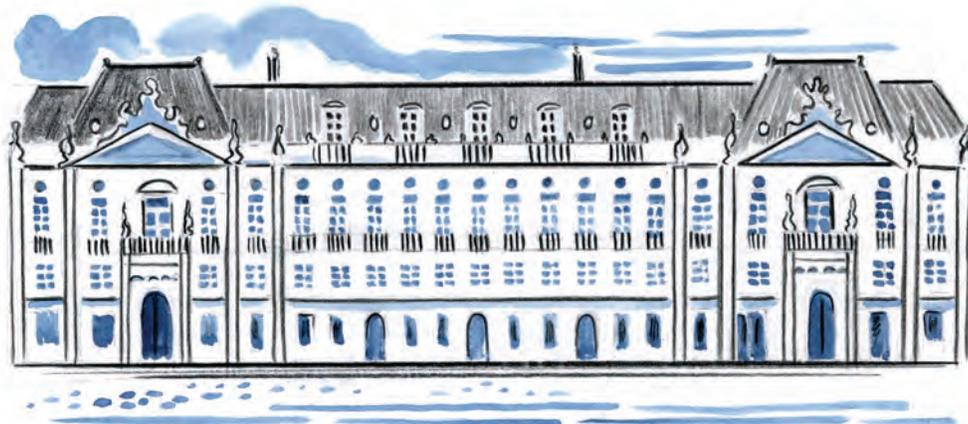


Catarina e o Vasco veem muitos filmes na televisão e no cinema. No computador também, mas é segredo, ninguém sabe. Uma vez por mês, o tio André leva-os a um cinema antigo nos Restauradores, onde já viram filmes mudos acompanhados ao piano, com um senhor muito engraçado, com um chapéu e uma bengala chamado Charlot. Também viram filmes de um outro senhor, muito sério, que faz coisas fantásticas com o corpo, como se fosse feito de borracha. O tio diz que ele nunca usou duplos, parece mentira!



A Catarina chama-se assim porque o pai gostava muito de uma atriz chamada Katharine Hepburn e porque a mãe gostava de uma outra atriz chamada Catherine Deneuve. Já o Vasco ouve desde pequeno que não pode comer demasiados bolos para não ficar um Vasco Santana. Os irmãos não percebiam a piada e o tio André um dia levou-os a ver o filme A CANÇÃO DE LISBOA. O Vasco gostou tanto do tal Vasco Santana que desatou a comer bolachas às escondidas, até que conheceu um outro ídolo, o “Estica”, e se rendeu aos legumes.





Naquela tarde, tinham ido novamente ao Salão Foz, o dito cinema antigo, mais conhecido entre os irmãos por “cinema bonito”, e estava lá uma senhora louca a dizer que o cinema era feito de fotografias.

– Como é possível? Perguntaram ao tio.

– Nos filmes as pessoas mexem-se e nas fotografias estão paradas.

A Catarina e o Vasco tinham muitas fotografias em casa e já as tinham visto muitas vezes e nunca nada mexeu.



O tio André deu uma gargalhada, e disse que estava na altura de lhes contar uma longa história. O dia estava lindo e quente, tinham almoçado bem e bebido melhor. O filme do “cinema bonito” tinha sido muito inspirador, tinha uma rapariga de tranças – a Dorothy –, um homem de palha, outro de lata e um leão, e agora passeavam pelos caminhos frescos do Jardim da Estrela, num passo dançado como a Dorothy e os seus três amigos. O tio estendeu a manta habitual na relva e começou a falar enquanto os sobrinhos, ora atentos, ora distraídos, faziam montinhos de ervas na borda da manta para dar aos patos.



